Colegiado de Farmácia
Colegiado de Nutrição
Colegiado de Psicologia

Fabiana Sabino Santos

Gefferson Lima Santos

Matheus Rodrigues da Conceição

FATORES ASSOCIADOS À AUTOMEDICAÇÃO NO CENÁRIO BRASILEIRO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Vitória da Conquista– BA
2023

Fabiana Sabino Santos

Gefferson Lima Santos

Matheus Rodrigues da Conceição

FATORES ASSOCIADOS À AUTOMEDICAÇÃO NO CENÁRIO BRASILEIRO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Rede UNIFTC como requisito parcial para obtençãodo título de Bacharel em Saúde (Farmácia, Nutrição e Psicologia).

Orientadora: Profa. Ma. Brenda Luara dos Santos de Souza

Vitória da Conquista– BA
2023

FABIANA SABINO SANTOS
GEFFERSON LIMA SANTOS
MATHEUS RODRIGUES DA CONCEIÇÃO

FATORES ASSOCIADOS À AUTOMEDICAÇÃO NO CENÁRIO BRASILEIRO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Rede UNIFTC como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Saúde (Farmácia, Nutrição e Psicologia), avaliada pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

_____
Profa. Ma. Brenda Luara dos Santos de Souza
Orientadora

_____
Profa. Ma. Anne Karoline Pereira Brito
Co-orientadora

_____
Profa. Externa/Interna

Aprovação em ___/____/2023

RODRIGUES, Matheus da Conceição; SANTOS; Fabiana Sabino; SANTOS; Gefferson Lima. **Fatores associados à automedicação no cenário brasileiro: uma revisão integrativa de literatura.** Faculdade de Tecnologia e Ciências. 2023. 25 páginas.

RESUMO: A automedicação é um problema mundial que aumenta a morbidade, mortalidade e custos por meio do aumento de reações adversas a medicamentos. Vários fatores impulsionam esse fenômeno, como a disponibilidade não regulamentada de medicamentos, falta de conscientização, promoção antiética de medicamentos, sobrecarga de trabalho para profissionais de saúde e incentivos comerciais. O objetivo desse estudo foi investigar os principais riscos associados à automedicação no cenário brasileiro no último sexênio (2016-2022). A metodologia utilizada foi de revisão integrativa de caráter qualitativo. Os resultados desse estudos demonstraram que a automedicação pode ter um impacto positivo na saúde individual e no sistema de saúde. Para doenças com menor gravidade, muitas vezes fornecem uma solução barata e rápida. No entanto a prática irracional da automedicação pode aumentar os riscos à saúde, como erros de diagnóstico, resistência e sofrimento medicamentoso, atrasos na busca por orientação médica, reações adversas a medicamentos e polifarmácia. Esse estudo conclui que faz-se necessário a adoção de estratégias para melhorar a segurança na prescrição e na administração de medicamento como a prescrição digital, identificação correta do paciente, melhorar a comunicação entre profissionais de saúde.

Palavras-chave: Automedicação. Fatores de risco. Saúde pública.

ABSTRACT

Self-medication is a worldwide problem that increases morbidity, mortality and costs through the increase in adverse drug reactions. Several factors drive this phenomenon, such as the unregulated availability of drugs, lack of awareness, unethical drug promotion, workload for healthcare professionals, and commercial incentives. The objective of this study was to investigate the main risks associated with self-medication in the Brazilian scenario in the last sexennium (2016-2022). The methodology used was an integrative review of a qualitative nature. The results of these studies demonstrated that self-medication Pcan have a positive impact on individual health and on the health system. For minor ailments, they often provide a cheap and quick solution. However, the irrational practice of self-medication can increase health risks, such as misdiagnosis, drug resistance and suffering, delays in seeking medical advice, adverse drug reactions and polypharmacy. This study concludes that it is necessary to adopt strategies to improve safety in prescribing and administering medication, such as digital prescription, correct patient identification, and improved communication between health professionals.

Keywords: Self Medication. Risk Factors. Public Health.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Esquema representativo segundo a construção do presente estudo 37
Figura 02: Fluxograma da seleção dos artigos 37

.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Artigos quanto ao autor, ano de publicação, periódicos, tipo de estudo, objetivos e principais resultados 30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária

OMS – Organização Mundial de Saúde

PNSP - Programa Nacional de Segurança do Paciente

SUMÁRIO

I-CONSIDERAÇÕES INICIAIS 9
1.1 OBJETIVOS **15**
1.1.1 Objetivo geral 15
1.1.2 Objetivos específicos 15
II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 18
III. METODOLOGIA 26
IV. ANÁLISE DE DADOS 30
4.1 Resultados 30
4.2 Discussão 31
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS 30
REFERÊNCIAS 30

I. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os medicamentos desempenham um papel importante na prestação de cuidados de saúde e, quando usados de forma adequada, podem ajudar a curar doenças, aliviar os sintomas e aliviar o sofrimento do paciente. No entanto, a automedicação continua sendo um grande problema enfrentado pela maioria dos sistemas de saúde em todo o mundo (GAMA; SECOLI, 2017).

A automedicação não se refere apenas ao consumo de medicamentos com base em sintomas agudos, mas também envolve a autoadministração repetitiva de medicamentos para doenças crônicas (ARRAIS et al., 2017). A automedicação é uma grande preocupação de saúde, pois pode resultar em vários efeitos prejudiciais, como diagnóstico incorreto da doença, resistência antimicrobiana, interações medicamentosas prejudiciais ou até mesmo atraso no diagnóstico de uma doença grave (DOMINGUES et al., 2017).

Nesse sentido, Dantas et al., (2018) destacam que a automedicação é um problema mundial que aumenta a morbidade, mortalidade e custos por meio do aumento de reações adversas a medicamentos e, portanto, os pacientes não estão alcançando os resultados desejados

Vários fatores impulsionam esse fenômeno, como a disponibilidade não regulamentada de medicamentos, falta de conscientização, promoção antiética de medicamentos, sobrecarga de trabalho para profissionais de saúde e incentivos comerciais (MATOS et al., 2018). Diversos problemas de saúde têm sido associados à participação em comportamentos de risco que podem levar essa população ao uso da automedicação (GAMA; SECOLI, 2020).

Nas ideias de Silva et al., (2021), o consumo de medicamentos tornou-se uma grande preocupação na sociedade, e a pesquisa epidemiológica sobre o uso da automedicação é especialmente relevante para o desenvolvimento de políticas de saúde pública cumpridas e bem-sucedidas para prevenir o abuso de substâncias.

No entanto, o consumo de medicamentos é multifatorial e poucos estudos investigaram a prevalência do uso de medicamentos, a proporção de automedicação e os fatores de risco associados a esse comportamento nessa população (ARRAIAL; SALVI, 2021).

Nesse contexto, o presente estudo visou responder a seguinte problemática de pesquisa: Com base nas evidências científicas do último sexênio (2016-2022), quais os principais riscos associados à prática da automedicação no cenário brasileiro?

1.1 JUSTIFICATIVA

Muitas pessoas recorrem à automedicação por não terem acesso fácil a médicos ou serviços de saúde. Isso pode ocorrer devido à falta de recursos financeiros, longas filas de espera nos serviços públicos de saúde ou até mesmo pela falta de profissionais de saúde em determinadas regiões. A falta de conhecimento sobre os riscos e os efeitos colaterais dos medicamentos é um fator importante para a automedicação. Algumas pessoas acreditam erroneamente que determinados medicamentos são inofensivos ou acreditam em conselhos não profissionais, como informações obtidas na internet, de amigos ou de familiares.

Este estudo se justifica haja vista que os registros aqui levantados são de grande valor para especialistas e para o público em geral que encontrarão elementos para avaliação e planejamento de ações futuras, bem como para a realização de novos estudos, que se somarão a outros trabalhos indicadores de ações de pesquisa e extensão universitária. A pesquisa possui a pretensão de contribuir para a matéria em estudo, podendo ser objeto de publicação em revistas especializadas e uma fonte de estudos para futuras pesquisas e investigações mais profundas na área.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Investigar os principais riscos associados à automedicação no cenário brasileiro no último sexênio (2016-2022).

1.2.2 Objetivos específicos

Apresentar os diversos conceitos de automedicação definidos pelos órgãos de saúde, caracterizar os riscos e/ou efeitos colaterais provocados pela automedicação e identificar os critérios estabelecidos pela Anvisa para liberação de medicamentos de referência.

II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITO DE AUTOMEDICAÇÃO

A automedicação é definida pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) como o uso de medicamentos sem prescrição, orientação ou acompanhamento de profissional de saúde. No Brasil, a automedicação é comum na população em geral e pelo menos 35% do volume de medicamentos adquiridos são para automedicação (ANVISA, 2020). A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a automedicação como a seleção e uso de medicamentos por indivíduos para tratar doenças ou sintomas auto reconhecidos e, portanto, a automedicação é um elemento do autocuidado (OMS, 2020).

A automedicação incorpora a compra de medicamentos (tanto de fontes formais quanto informais) ou a reutilização de estoques (ou seja, sobras de um prato de remédios) de prescrições anteriores, recebendo medicamentos e levando-os a conselho de pais, vizinhos e amigos (FARIA et al., 2021). Para Gama e Secoli (2020), entretanto, automedicação é a aquisição e consumo de um ou mais medicamentos sem orientação médica. No Brasil, de acordo com a legislação vigente, a automedicação é definida como o uso de medicamentos sem prescrição, orientação e/ou supervisão de médico ou dentista.

Os padrões de uso de medicamentos são um importante indicador de saúde. O conhecimento sobre esses padrões ajuda a identificar e determinar a prevalência de doenças que eram específicas, além de fornecer informações sobre como os recursos terapêuticos são utilizados (ARRAIS et al., 2017).

A automedicação é um problema de saúde pública global; no entanto, a prevalência dessa prática é mais comum em países em desenvolvimento (ou seja, países de baixa e média renda). Nessas regiões, atributos organizacionais, como baixa qualidade e disponibilidade de serviços de saúde, número relativamente alto de indivíduos sem plano de saúde, falta de recursos humanos, indisponibilidade de serviços de transporte, comportamento não profissional dos profissionais de saúde e longos tempos de resposta — juntamente com a disponibilidade de drogas para compra de “vendedores” — aumentam consideravelmente a automedicação (ARRAIAL; SALVI, 2021).

Nesse contexto, a automedicação é uma questão importante, que pode retardar o diagnóstico e gerar a resistência de microrganismos e doenças iatrogênicas ao tratamento. Mesmo que os medicamentos sejam usados corretamente, o auto uso pode estar associado a efeitos colaterais e maior chance de depressão medicamentosa, incluindo

medicamentos respiratórios e alcoólicos. Também pode afetar a adesão ao tratamento e a qualidade de vida (DANTAS et al., 2018).

A receita de medicamentos no Brasil é regulamentada pela ANVISA. Os medicamentos só podem ser adquiridos em farmácias, mas a receita é retida na farmácia apenas para certos tipos de medicamentos (por exemplo, medicamentos psicotrópicos). Todas as outras vendas são alimentadas em medicamentos de venda livre (aspirina, acetaminofeno), que não solicitaram receita médica, ou medicamentos que solicitaram apenas a apresentação de receita médica (anti-inflamatórios, anti-hipertensivos), ou seja, o comprador pode simplesmente mostrar a receita, mas ela não fica retida na farmácia (MATTOS et al., 2018).

A maioria dos medicamentos usados sem nenhuma fiscalização devida são os MIP's e estão disponíveis para comercialização através de uma autorização da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) por meio da RDC nº 138/2003. São utilizados para o tratamento de sintomas e são comuns a inúmeros problemas de saúde (GAMA et al., 2020).

2.2. PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS ASSOCIADOS A AUTOMEDICAÇÃO

A automedicação desempenha um papel importante nos cuidados de saúde. Tem um impacto positivo na saúde individual e no sistema de saúde. Para doenças com menor gravidade, muitas vezes fornecem uma solução barata, rápida e conveniente, sem a qual o sistema de saúde de qualquer país seria superado pela demanda. A automedicação pode economizar tempo de espera para os consumidores consultarem o médico e evitar que os recursos médicos escassos sejam usados em condições menores (MATTOS et al., 2018).

O aumento da disponibilidade de informações sobre medicamentos e doenças, especialmente na Internet, juntamente com o aumento do interesse pela saúde, resultou na maior demanda por um envolvimento mais direto dos pacientes na tomada de decisões. Um aumento na prática da automedicação levou ao grande número de pessoas que hoje usam medicamentos de venda livre para doenças com menor gravidade, como dor de cabeça, resfriado, gripe, dores musculares, etc., sem consultar um profissional médico. Além disso, há pacientes que muitas vezes dependem de preparações fitoterápicas, tradicionais e homeopáticas, que geralmente são consideradas mais acessíveis, naturais e seguras do que as drogas convencionais (ARRAIAL; SALVI, 2021).

No entanto, isso não é necessariamente verdade, pois todos os medicamentos, independentemente de sua classe podem produzir reações adversas, e os fitoterápicos não são exceção uma exceção á isso. Além disso, muitos fitoterápicos são misturas complexas de mais

de um princípio ativo, o que aumenta a possibilidade de sugerido com medicamentos convencionais quando usados concomitantemente (SOUZA et al., 2021).

A prática irracional da automedicação pode aumentar os riscos à saúde, como erros de diagnóstico, resistência e sofrimento medicamentoso, atrasos na busca por orientação médica, reações adversas a medicamentos e polifarmácia (SILVA et al., 2021). A automedicação de forma irresponsável abrange erros no diagnóstico, escolhas incorretas na escolha do tratamento, dose, via ou esquema de administração, bem como ignorados, riscos ou contraindicações, desse modo podendo piorar o quadro do paciente cujo tratamento poderia ser mais simples ou pouco complexo (IURAS et al., 2017).

Esta prática traz riscos potenciais e reações adversas. Além disso, a automedicação irresponsável pode promover medicamentos-medicamentos ou ervas-medicamentos relaxantes, levando a hepatotoxicidade, nefrotoxicidade, gastos públicos necessários e duplicidade terapêutica desnecessária (DANTAS et al., 2018).

A falta de conhecimento sobre o uso de medicamentos (ou seja, suas indicações, dosagem, duração adequada do tratamento e possíveis efeitos colaterais) e a desconfiança em relação aos médicos também podem facilitar a automedicação. Embora a OMS tenha notado que a prática de automedicação pode remediar algumas situações obsessivas menores a um custo razoável, há relatos de que isso pode levar ao desperdício de ativos médicos e excesso de resíduos sólidos (SOUZA et al., 2021).

Além disso, o uso inapropriado de medicamentos acarreta o risco de atraso no diagnóstico, resposta desfavorável aos medicamentos, excesso de morbidade e envolvimento de organismos multirresistentes no caso dos antimicrobianos. Uma administração medicamentosa segura é aquela feita com o medicamento certo, para o paciente certo, na dose certa, pela via de administração certa, horário certo, registro certo, orientação certa, forma certa e resposta certa. Para isso, no ambiente hospitalar é preciso que estratégias sejam adotadas para facilitar a identificação do paciente (PRADO et al, 2016).

2.3 ESTRATÉGIAS PARA REDUZIR A INCIDÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO

Para Silva et al., (2021), faz-se necessário um novo método de prescrição, substituição da prescrição manual para a digitalizada, onde estará esclarecido o medicamento prescrito. Essa prescrição via digital agilizaria o serviço e consequentemente reduziria o tempo gasto em consultas, contribuindo assim para uma menor busca pela automedicação, devido á agilidade do serviço. O Programa Nacional de Segurança do Paciente (PNSP)

aborda ações que vão ajudar a impedir a ocorrência de erros e que colabora com a melhoria da qualidade e do serviço prestado.

Dentre elas, pode-se destacar a identificação correta do paciente, melhorar a comunicação entre profissionais de saúde, melhorar a segurança na prescrição, no uso e na administração de medicamentos, higienizar as mãos para evitar infecções. O protocolo de segurança na prescrição, uso e administração de medicamento, preconiza a promoção de práticas seguras no uso de medicamentos em estabelecimentos de saúde, esse cuidado e atenção maior, acaba por fazer com que a população atendida tenha uma maior taxa de êxito em seus tratamentos, largando de forma consciente a prática da automedicação (ARRAIAL; SALVI, 2021).

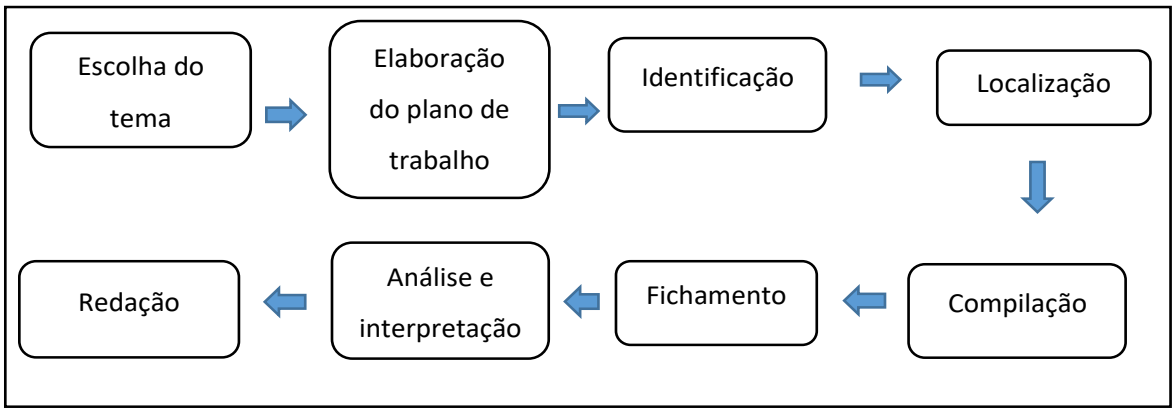
III. METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma revisão integrativa de caráter qualitativo que busca investigar os fatores de risco associados à automedicação no cenário brasileiro. Gil (2018) afirma que a revisão integrativa permite ao autor analisar uma temática sob diversos estudos de maneira ampla e concisa, inclusive por meio da medicina baseada em evidências.

Para o alcance do objetivo proposto foi delimitado as seguintes etapas percorridas: (1) identificação do problema ou da temática (elaboração da pergunta norteadora, estabelecimento de descritores e dos critérios para inclusão / exclusão de artigos); (2) amostragem (seleção dos artigos); (3) categorização dos estudos; (4) definição das informações a serem extraídas dos trabalhos revisados; (5) análise e discussão a respeito das tecnologias utilizadas/desenvolvidas; (6) síntese do conhecimento evidenciado nos artigos analisados ou apresentação da revisão integrativa (GIL, 2018).

A figura 1 compreende os principais passos para a construção do presente estudo, desde a elaboração da temática até a redação do trabalho.

Figura 1 - Esquema representativo segundo a construção do presente estudo.



Fonte: Autores, 2023.

A estratégia de busca foi baseada em artigos indexados nas bases de dados eletrônicas pelo Centro Internacional da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Eletronic Library Online* (SCIELO). A busca das publicações sobre o assunto foi realizada por meio dos seguintes descritores de saúde: automedicação; fatores de risco; saúde pública.

Os critérios de inclusão adotados pelo presente estudo foram: a publicação possuir como temática relacionada à temática proposta, estar disponível eletrônica e gratuitamente na íntegra, ser classificado como artigo original: estar divulgado em português; com ano de

publicação de 2016 a 2022 e publicações completas com resumos disponíveis e indexados na base de dados supracitadas. Foram excluídos: estudos que possuem duplicatas ou que tivessem uma abordagem diferente do tema proposto

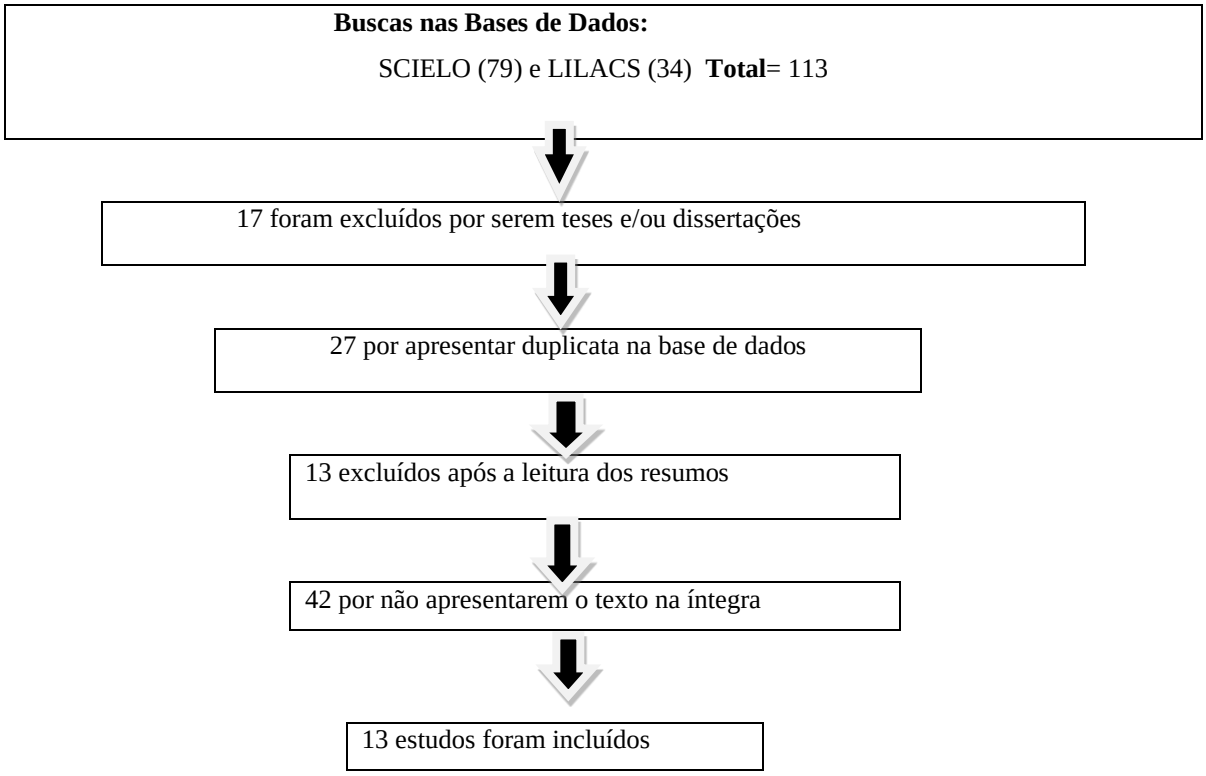
A partir da análise criteriosa dos trabalhos relevantes do campo científico encontrados e suas informações, foi possível abordar a relevância do tema e a sua importância para a sociedade e, após filtragem dos trabalhos pesquisados, fomentar uma discussão apropriada identificando seus pontos de vista e detalhamento da pesquisa.

IV. ANÁLISE DOS DADOS

4.1 RESULTADOS

Após a seleção minuciosa dos artigos lidos foram selecionados 113 artigos, distribuídos da seguinte forma nas bases de dados: SCIELO (79) e LILACS (34). Foram excluídos um total de (17) artigos por serem teses e/ou dissertações; (27) excluído por apresentar duplicata na base de dados; (13) excluídos após a leitura dos resumos, (42) por não apresentarem o texto na íntegra, restando (13) que se adequaram aos critérios estabelecidos para revisão (Figura 2).

Figura 2: Fluxograma da seleção dos artigos



Fonte: Autores, 2023.

A tabela 01, abaixo, apresenta as disposições dos artigos quanto ao autor, título, objetivo, tipo de estudo e conclusão.

Tabela 01: Artigos quanto ao autor, ano de publicação, periódicos, tipo de estudo, objetivos e principais resultados

Autor	Título	Objetivo	Tipo	Conclusão
Araújo et al., (2021)	Automedicação de psicofármacos entre estudantes universitários de odontologia e medicina	Avaliar o uso de psicofármacos entre estudantes de medicina e odontologia	Estudo transversal quantitativo	Oestudo verificou alta prevalência de uso não prescrito de psicofármacos entre os estudantes.
Arrais et al., (2017)	Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados.	Analisar a prevalência e os fatores associados à utilização de medicamentos por automedicação no Brasil.	Estudo transversal de base populacional	A automedicação é prática corrente no Brasil e envolve, principalmente, o uso de medicamentos isentos de prescrição.
Arraial e Salvi (2021)	Fatores associados à automedicação em uma farmácia comunitária de Ouro Preto do Oeste, Rondônia	Investigar os fatores associados à automedicação em uma farmácia comunitária em Ouro Preto do Oeste, Rondônia	Estudo transversal de base populacional	Sugere-se intervenções junto aos profissionais de saúde para que sejam prestadas informações que contribuam para a adesão à farmacoterapia, para o uso racional de medicamentos
Dantas et al.,	Fatores associados	Identificar	Estudo	A automedicação

(2018)	ao atraso na procura por atendimento pelo doente de tuberculose	fatores sociais, clínicos e comportamentais dos doentes de tuberculose que estejam associados ao atraso na procura pelo primeiro atendimento à saúde.	transversal quantitativo	contribui para o atraso na procura pelo primeiro atendimento à saúde pelo doente de tuberculose.
Domingues et al., (2017)	Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional.	Estimar a prevalência e investigar fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal, Brasil.	Estudo transversal de base populacional	A automedicação foi maior em jovens adultos e naqueles com dificuldades na realização de atividades cotidianas.
Faria, Barbosa, Olszewski (2021)	Hábito de automedicação entre pacientes de uma farmácia no município de Ponta Grossa-Paraná	Verificar o hábito de automedicação com 50 pacientes, entre homens e mulheres com idade entre 20 a 60 anos, em uma farmácia localizada no município de Ponta Grossa no Paraná	Estudo transversal quantitativo	Os dados encontrados reforçam a importância do profissional farmacêutico, para orientar os pacientes sobre os efeitos colaterais do uso de medicamentos

Gama e Secoli (2020)	Práticas de automedicação em comunidades ribeirinhas na Amazônia brasileira.	Analisar a prática de automedicação e os fatores associados na população ribeirinha da região do Médio Solimões - Amazonas.	Estudo transversal de base populacional	Sugere-se a necessidade de busca do autocuidado pelas pessoas, com o uso de medicamentos alopáticos sem prescrição
Gama e Secoli (2017)	Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas–Brasil.	Determinar a prevalência e os fatores associados à automedicação entre estudantes de enfermagem.	Estudo transversal de base populacional	Aalta prevalência deautomedicação, além de poder levar a reações adversas retrata também o uso irracional de medicamentos pelos estudantes,
Iuras et al., (2016)	Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante	Avaliar a prevalência, o perfil e fatores associados à automedicação na população do Instituto Federal Minas Gerais/Ouro Preto, constituída principalmente por adolescentes.	Estudo transversal de base populacional	Estes fatores reforçam a importância do acesso a consultas médicas e de ações de conscientização sobre o uso racional de medicamentos.
Lima et al., (2022)	Automedicação entre estudantes de	Verificar se a prática de	Estudo transversal	Medidas preventivas e

	graduação do interior do Amazonas	automedicação é comum entre estudantes universitários da área de saúde da Universidade Estadual do Amazonas (Brasil).	analítico	educativas devem ser aplicadas, garantidas para a diminuição dos riscos causados pela automedicação
Matos et al., (2018)	Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante	Estimar a prevalência e fatores associados à automedicação entre estudantes de cursos de graduação do interior do Amazonas.	Estudo transversal quantitativo	Observou-se alta prevalência da automedicação entre os estudantes universitários.
Prado et al., (2016)	Uso de medicamentos prescritos e automedicação em homens.	Estimar a prevalência, verificar os fatores associados ao uso de medicamentos segundo prescrição e identificar os principais fármacos consumidos sem indicação, frente	Estudo transversal	Os achados do presente estudo oferecem subsídios para o direcionamento de ações voltadas para a promoção do uso racional de medicamentos

		ao motivo do uso, em homens adultos.		
Silva et al., (2021)	Automedicação em idosos da Atenção Básica	Descrever a prática da automedicação em idosos atendidos na Atenção Básica.	Estudo transversal , descritivo e exploratório	Os dados sugerem que a automedicação entre os idosos é comum e que a dificuldade de acesso à consulta médica, orientação farmacêutica e o desconhecimento dos perigos predispõem a esta prática.
Souza et al., (2021)	Ocorrência de Automedicação na população Brasileira como estratégia preventiva ao SARS-CoV-2.	Identificar a existência da automedicação por populares com a finalidade de prevenção ao SARS-CoV-2 e analisar os potenciais agravamentos deste uso ao organismo humano	Estudo analítico e qualitativo	O estudo ressalta que não se deve ingerir fármacos sem a orientação médica e os riscos que eles podem sofrer ao se automedicar

Fonte: Autores, 2023.

4.2 DISCUSSÃO

O uso de medicamentos via automedicação, porém, ocorre em um contexto em que o usuário possui alguma referência, seja ela direta, por experiência própria, ou indireta, por meio de pessoas próximas a ele, ao medicamento que está utilizando. Isso permite que o usuário faça uma avaliação leiga dos benefícios e riscos envolvidos na opção pela automedicação (ARRAIS et al., 2017).

A automedicação assume diversas formas e a literatura tem demonstrado que não se limita à aquisição de medicamentos não prescritos. Com efeito, a prática da automedicação estende-se desde a utilização de sobras de medicamentos prescritos e a partilha de medicamentos com familiares e círculos sociais até à reutilização de receitas antigas e à alteração da posologia dos medicamentos prescritos (DANTAS et al., 2018).

No Brasil, estudos sobre prevalência e fatores associados à automedicação são raros e a maioria envolveu amostras limitadas a alguns municípios. No Distrito Federal a prevalência de automedicação foi verificada em 74% (DOMINGUES et al., 2017). Em um município de médio porte Ribeirinha da região do Médio Solimões do Estado do Amazonas a prevalência de automedicação foi de 53,3% (GAMA; SECOLI, 2020). Neste último estudo, sexo, idade, tamanho da família, número de consultas médicas nos últimos 12 meses, se houve consulta com farmacêutico nos últimos 12 meses e dinheiro gasto com medicamentos nos últimos 12 meses mostraram-se associados com o consumo exclusivo de medicamentos não prescritos (GAMA; SECOLI, 2020).

Outro estudo realizado em farmácias mostrou que a escolha do medicamento para automedicação é baseada principalmente na recomendação de leigos (51%) e na influência de prescrições anteriores (40%) (ARRAIAL; SALVI, 2021).

De acordo com a literatura com estudos transversais com público específico demonstram uma maior incidência de automedicação no público feminino. Entre os fatores sugeridos para explicar esse comportamento, alguns autores citam a maior utilização de serviços de saúde pelas mulheres e sua maior tendência ao autocuidado. No entanto, observou-se nos estudos de Prado et al., (2017) uma maior frequência de automedicação em homens. Isso se deve pelo fato de que esse grupo populacional tem uma maior resistência em procurar os serviços de saúde.

Segundo Lima et al., (2022), a familiaridade com um medicamento pode ser entendida como uma forma de rotinização que permite reduzir a imprevisibilidade e a incerteza de seus resultados, gerando confiança prática e funcionando como uma salvaguarda diante de

possíveis riscos. Além disso, por meio das relações sociais, as descrições de boas ou más experiências com o uso do medicamento são difundidas e passam a constituir um sistema de referência acessível para validação via experiência empírica direta.

Silva et al., (2021) vai ainda mais longe ao afirmar que, embora a automedicação implique uma escolha pessoal, os indivíduos nunca são completamente solitários e independentes nessa escolha, pois estão sujeitos não só à influência dos outros ao seu redor, mas também à da sociedade como um todo

Outro elemento que contribui para o uso de medicamentos por automedicação é a percepção e o grau de tolerância do indivíduo às sensações de morbidade. O "consumo farmacêutico" sem receita é, segundo Faria et al., (2021), um dos indicadores dessa percepção, denotado pelos autores como "necessidade médica".

Mesmo no contexto da "necessidade médica", notou-se no estudo de Iuras et al., (2017) que os indivíduos mais jovens (20 a 49 anos) recorrem mais à automedicação, indicando uma menor tolerância aos sinais e sintomas físicos. O mesmo comportamento foi observado no estudo de Araújo et al., (2021) onde os entrevistados com idades entre 25 e 44 anos eram mais propensos a usar medicamentos de venda livre. Uma possível explicação para isso é o fato de esses indivíduos serem, em geral, economicamente ativos e apresentarem quadros mais agudos, necessitando de rápida resolução de seus problemas.

Os indivíduos mais velhos, que tendem a ter mais doenças crônicas, estão consequentemente mais habituados a um conjunto de sinais e sintomas relacionados com as suas condições de saúde, mas podem não ter a mesma urgência, podendo, por isso, optar pela prescrição (SILVA et al., 2021).

Durante a primeira parte de 2020, a OMS alertou o mundo sobre a rápida disseminação do novo coronavírus (SARS-CoV-2), que mais tarde evoluiu para uma pandemia global; devido à doença associada (COVID-19), foi decretado um bloqueio geral na maior parte do mundo. A pandemia causou um fardo considerável nas infraestruturas de saúde em todo o mundo, especialmente em países onde a estrutura de saúde era frágil desde o início. Em resposta à disponibilidade limitada de serviços de cuidados de saúde primários e à ansiedade associada à pandemia, a compulsão por SM por parte do público aumentou consideravelmente, pois aos olhos de muitos, este era o único "link" sensato aos cuidados de saúde (SOUZA et al., 2021).

V. CONCLUSÃO

Este estudo teve o objetivo de abordar os fatores associados à prática da automedicação no cenário brasileiro. Por meio de uma revisão integrativa e posterior análise dos dados coletados foi possível identificar uma série de fatores que contribuem para essa prática comum e preocupante. Os resultados revelaram que a automedicação no Brasil está fortemente ligada a diferentes fatores, como variáveis individuais, organizacionais e ambientais.

Foi observado que o uso de medicamentos por automedicação no Brasil é relativamente frequente e influenciado pela experiência prévia e familiaridade com o medicamento. Estudos transversais com públicos específicos demonstras que a automedicação é mais prevalente entre mulheres e indivíduos com baixa autoavaliação de saúde. A falta de conscientização sobre os riscos envolvidos na automedicação e a busca por informações por meio de fontes não confiáveis contribuem para a perpetuação desse comportamento.

Esse estudo mostrou que o conceito de automedicação não se refere apenas ao consumo de medicamentos com base em sintomas agudos, mas também envolve a autoadministração repetitiva de medicamentos para doenças crônicas. No Brasil a ANVISA obriga a necessidade de receita apenas para alguns medicamentos específicos.

É importante ressaltar que a automedicação apresenta riscos significativos à saúde, como o uso inadequado de medicamentos, interações medicamentosas prejudiciais e o mascaramento de sintomas de doenças subjacentes. Portanto, é fundamental que sejam implementadas medidas educacionais e regulatórias para combater esse problema.

Com base nos resultados deste estudo, recomenda-se a promoção de campanhas de conscientização sobre os riscos da automedicação, direcionadas tanto à população em geral quanto aos profissionais de saúde. Além disso, é necessário fortalecer o sistema de saúde, ampliando o acesso a serviços médicos, melhorando a qualidade do atendimento e facilitando o acesso a medicamentos mediante prescrição adequada.

Portanto a redução da automedicação no Brasil exigirá esforços multidisciplinares e uma abordagem abrangente que envolva governo, profissionais de saúde, indústria farmacêutica e sociedade civil. A conscientização, a educação e a regulamentação adequada são peças-chave para combater esse problema e garantir uma saúde mais segura e responsável para todos os brasileiros.

REFERÊNCIAS

ANVISA. **O que devemos saber sobre medicamentos.** Agência Nacional de Vigilância Sanitária-Anvisa, Brasília-DF, p 12-13, 2020. Disponível em: http://www.vigilanciasanitaria.sc.gov.br/index.php/download/category/112-medicamentos?download=102:cartilha-o-que-devemos-saber-sobre-medicamentosanvisa. Acesso em 14 mai 2023

ARRAIAL, P; SALVI, V. Fatores associados à automedicação em uma farmácia comunitária de Ouro Preto do Oeste, Rondônia. **Revista de Saúde Pública,** v.4, n.2, 2021.

ARRAIS PSD, Fernandes MEP, da Silva Dal Pizzol T, Ramos LR, Mengue SS, Luiza VL, et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Revista de Saude Publica**. 2016;50(supl 2):13s.

DANTAS DNA, ENDERS BC, OLIVEIRA DRC, VIEIRA CENK, QUEIROZ AAR, Arcêncio RA. Fatores associados ao atraso na procura por atendimento pelo doente de tuberculose. **Revista Brasileira de Enfermagem** [Internet]. 2018;71(Supl 1):646-51. [Edição Temática: Contribuições e desafios das práticas em enfermagem em saúde coletiva]

DOMINGUES, P. H. F.; GALVÃO T.F; ANDRADE K.R.C; ARAÚJO P.C; SILVA E.M; PEREIRA M.G. Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. **Epidemiologia e Serviços de Saúde,** v.26, n.2, 2017.

FARIA, L; BARBOZA B.M; OLSZEWSKI J. Hábito de automedicação entre pacientes de uma farmácia no município de Ponta Grossa-Paraná. **Revista Journal of Health,** v. 1, n.1, 2021.

GAMA, A. S. M., SECOLI, S. R. Práticas de automedicação em comunidades ribeirinhas na Amazônia brasileira. **Revista Brasileira de Enfermagem,** v.7, n.5, 2020.

GAMA, A. S. M., SECOLI, S. R. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas–Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem,** v.38, n.1, 2017.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo, Atlas, 2018.

IURAS A, Marques A. F, Garciac L.F; Santiago; Santana L.K. Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil), **Revista Portuguesa de Estomatologia, Medicina Dentária e Cirurgia Maxilofacial.** v.57, n.2, 2017.

LEITE LESSA ARAUJO, A. F.; CRISTINA RIBEIRO, M.; DIAS VANDERLEI, A. Automedicação de psicofármacos entre estudantes universitários de odontologia e medicina. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 7, p. e021037, 2021.

LIMA PA, Costa RD, Silva MP, Souza Filho ZA, Souza LP, Fernandes TG, et al. Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas. **Acta Paul Enferm,**v. 35, p.45-60**.** 2022.

MATOS, J; PENA D.A.C; PARREIRA M.P; SANTOS T.C; VITAL W.C. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cadernos Saúde Coletiva,** v.26, n.1, 2018.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Índices de automedicação no Brasil**. Disponível em: www.oms.gov.br. Acesso em 17 mai 2023

PRADO, Maria Aparecida Medeiros Barros do et al. Uso de medicamentos prescritos e automedicação em homens. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v.7, n.11, 2017.

SILVA, Thalita Cristinny Araujo. Automedicação em idosos da Atenção Básica. **Revista Enfermagem Contemporânea,** v. 10, n. 2, 2021.

SOUZA, Maria Nathalya Costa. Ocorrência de Automedicação na população Brasileira como estratégia preventiva ao SARS-CoV-2. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 10, n. 1, 2021.